ESCOLA ESTADUAL AMADEU ODORICO DE SOUZA

DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL – DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

CAMILA CRISTINA – 3ºA

**DIADEMA – SP**

**2019**

**1 INTRODUÇÃO**

A **Desigualdade Social**, na sociedade contemporânea, é um fenômeno que ocorre em quase todos os países do globo, guardadas suas proporções e dimensões, e é desencadeado, principalmente, entre outros motivos, pela má distribuição de renda em uma população, onde se concentra a maioria dos recursos nas mãos de uma minoria abastada da sociedade e, consequentemente, o melhor e maior acesso a subsídios econômicos, educacionais, de saúde e segurança, etc. A pobreza existe em todos os países, dos mais ricos aos mais pobres, mas a desigualdade social tende ocorrer nos países menos desenvolvidos.

Porém, é necessário entender a desigualdade social também como uma espécie de “leque” de outros tipos de desigualdades geradas a partir da desigualdade econômica, como desigualdades raciais, pobreza, problemas com acesso à moradia, segurança pública, educação de má qualidade, desemprego, entre outros.

A desigualdade social se dava desde os tempos do [Brasil Colônia](http://brasil-colonia.info/), em que Portugal detinha os recursos advindos do próprio Brasil (1º - a exploração do pau-brasil: 2º - da cana-de-açúcar e posteriormente do ouro, além da produção agrícola da era do café), administrados por pessoas designadas pela coroa, cuja relação de desigualdade dava-se entre os senhores e os escravos.

‘’A cidadania concedida, que está na gênese da construção de nossa cidadania, está vinculada, contraditoriamente, à não-cidadania do homem livre e pobre, o qual dependia dos favores do senhor territorial, que detinha o monopólio privado do mando, para poder usufruir dos direitos elementares de cidadania civil.’’ (Teresa Sales, 1994)

Com o fim da escravatura no Brasil, a economia passou a girar em torno da **produção agrícola**, e até a década de 1930, era a principal fonte de recursos do país, que funcionava no sistema de **agroexportação**, sistema este que, devido à grande riqueza do país em ter uma produção agrícola elevada, foi dando meios para que o estado fornecesse as ferramentas políticas e financeiras necessárias para implantação da **indústria no Brasil**.

**1.2 Questão problema**

**1.3 Justificativa**

**2 Desigualdade Social – Brasil colônia**

Analisando historicamente a questão das desigualdades, percebe-se que, com a chegada dos portugueses/colonizadores, elas se instalaram e aqui ficaram já que o Brasil é um país que foi colonizado com o objetivo de explorar os recursos naturais (minerais e vegetais) que estavam disponíveis em nosso território.

O processo de Desigualdade no Brasil se desenvolveu através da estrutura no Brasil colônia, no qual o senhor do engenho, detentor do latifúndio que era dono de toda uma monocultura. Todo esse poder é remanescente da organização do Brasil de capitanias hereditária, o senhor do engenho possuía todo o poder, tinha uma grande força política, social, econômica e grande apoio da igreja.

Sempre há um objeto de centralização, depois de um tempo os detentores do poder eram os Senhores do Café, eles controlaram a política do Brasil durante muito tempo e com o apoio do Dom Pedro I, dos Regentes, Dom Pedro II e com o apoio dos militares se criou a chamada Republica do Café com Leite. São Paulo e Minas Gerais, os grandes Estados que produziam café e gerava mão de obra, seja ela escrava ou assalariada. Sendo assim, durante 3 séculos esse tipo de trabalho foi geradora da desigualdade social no Brasil, sendo uma estrutura que se estendeu até os dias de hoje. E os remanescentes desses senhores que eram detentores da produção de café e açúcar, são os que vão comandar a política brasileira no século XX, trazendo para si todo esse poder e elitismos.

**2.1 Mercado de trabalho no país capitalista**

Logo, com a colonização dos portugueses e o preconceito contra o povo indígena que foram vistos pelos europeus como seres inferiores e menos capazes, houve a introdução do trabalho escravo negro. Milhares de africanos foram retirados de seus países/ terra de origem para serem obrigados a trabalhar em situações precárias no Brasil. Até os dias de hoje, descendentes sofrem com diversos preconceitos e discriminação pelo simples fato de serem negros.

Quando houve uma previa do fim do trabalho escravo em meados do século XIX, sucedeu uma grande vinda de imigrantes europeus com para oportunidades de trabalhos, principalmente nas lavouras de café, e com o intuito de melhores condições de vida.

A medida que a sociedade foi crescendo se desenvolveu no país um grande esforço de industrialização, trazendo junto a urbanização criando-se assim um proletariado industrial, o qual atraiu diversos trabalhadores para as cidades grandes para exercer diversas atividades como: comerciantes, bancários, empregados domésticos, etc.

Assim, com grande aumento nas grandes cidades houve um esvaziamento progressivo na zona rural. Como nem toda força de trabalho foi absorvida pelas indústrias e pelos setores urbanos e por causa da modernização da agricultura, foi se desenvolvendo uma grande massa de desempregados que viviam e ainda vivem à margem do sistema produtivo capitalista.

Nos dias de hoje mesmo a expansão econômica e tecnológica do Brasil, mesmo depois de diversos progressos em relação aos direitos civis e trabalhistas, é o crescimento empresarial, a evolução tecnológica dos recursos para o crescimento das diversas indústrias e segmentos comerciais, um aumento gradual e contínuo das riquezas geradas pelo país e ainda, aliados a esses avanços, que são desfrutados em sua maioria pelos donos de indústria, banqueiros e pessoas que detêm o capital, uma disparidade enorme entre ricos e pobres, dentre as primeiras do mundo. Ainda assim falta de oportunidades para alguns indivíduos, grande parte descentes de escravos, encontra diversas dificuldades para se introduzir no mercado de trabalho por ser considerado mão de obra desqualificada. Evidenciando como o desenvolvimento do capitalismo no Brasil foi-se criando desigualdades, dando surgimento a pobreza e a miséria.

Entre 1930 e 1964, o Brasil viveu um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico capitalista, acelerou-se o processo de implantação e consolidação industrial em várias áreas: metalurgia, automobilística, química, petroquímica, alimentícia, eletrodomésticos, entre outros. Nesse período apareceram políticas públicas visando minimizar a desigualdade social através de uma política de salário mínimo, aposentadoria, regulamentação da jornada de trabalho, cuidados mínimos com a saúde do trabalhador, planos habitacionais destinados a grupos de pessoas, sob a responsabilidade do Estado. O modelo político, aos poucos, passou do oligárquico ao populista, de Getúlio Vargas (1930), instalou-se o Estado Novo (1937-1945) e a democracia política (1946-1963).

**2.2 Compreensão da pobreza no Brasil**

A desigualdade não se baseia somente em fome e miséria, se baseia também em condições precárias de saúde, moradia/ habitação, educação e em diversas situações desumanas. A maneira que o setor industrial foi crescendo no país, demonstrou que a sociedade produz bens e riquezas, mas esses bens e riquezas não são distribuídos de maneira justa para que possa beneficiar todos os brasileiros.

Durante muito tempo, diversos cientistas, políticos e intelectuais desenvolveram diversas teorias para explicar o destino da desigualdade brasileiras e, acabaram desenvolvendo diversas teorias racistas, sendo a pobreza sempre um dos elementos essências para essas explicações, e uma decorrência da escravidão ou da mestiçagem.

No Brasil, a existência da pobreza não ocorre devido à falta de recursos e sim a distribuição desigual destes recursos. Entendendo, que o Brasil é um país rico, porém, com maiores índices de desigualdade do mundo.

A comparação internacional entre o grau de desigualdade de renda no Brasil e o observado em outros países comprova não só que a desigualdade brasileira é das mais elevadas em todo o mundo, mas contribui também para entender como um país com renda per capita relativamente elevada pôde manter, nos últimos 20 anos, em média, cerca de 40% da sua população abaixo da linha de pobreza (FARIA, 2000, p. 21).

Sendo assim, a pobreza é consequência da desigualdade social e as ações dos homens são determinadas pelas relações de interesse presentes na sociedade, são estes que escolhem a forma de organização da vida social.

Foram criadas riqueza e renda suficientes para produzir alterações significativas nas condições de vida da grande massa da população brasileira que é carente de tudo. No entanto, a riqueza existente, a produzida e a renda criada sempre foram apropriadas concentradamente por minorias que sofrem de um estado crônico de “ganância infecciosa” (GARCIA, 2003, p. 10).

Quando nos reportamos ao início do processo de desenvolvimento do Brasil, percebemos que a desigualdade social e a pobreza fizeram parte de todo o processo histórico, busca-se uma forma de amenizar os problemas decorrentes da pobreza, através da culpa lançada às pessoas que se encontram nesta situação. A representação que a sociedade capitalista adotou do sujeito que está em situação de pobreza, é de “vagabundo”, “analfabeto”, “desqualificado”, entre outros. O que permite culpar uma única pessoa por um problema que é criado pela sociedade e que cabe a esta resolver.

**2.3 Como se desenvolveu uma sociedade desigual**

Entre os anos de 1986 e 1990, no governo Sarney e Collor de Mello houve uma grande crise econômica, fazendo a inflação do país aumentar. A inflação nesse período chegou a cifras sem precedência na história do País: em 1984, antes do Governo Sarney, ela estava em 250% ao ano; mesmo após quatro planos econômicos no governo de Sarney, em 1989, a inflação chegou a 1.764,86% ao ano, média de 147% ao mês. Em junho de 1994, último mês antes do Plano Real, nos primeiros 15 dias, a inflação estava em 47,43% (PASSARELLI, 2011). Infelizmente, esse problema fez os ricos continuarem ricos e levou os pobres para uma situação de fome miséria.

Foi a sociedade, por meio dos movimentos sociais, quem buscou saída para esse problema que se tornou crônico. O problema da pobreza passou a mobilizar pessoas em movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs) e pastorais da igreja católica. Dois exemplos expressivos da atuação da sociedade por meio dessas organizações ajudam a entender o desenrolar do problema daí para frente: a Pastoral da Criança e a Campanha Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida. A Pastoral da Criança é uma organização de pessoas, principalmente mulheres, organizadas pela ação social da igreja católica, fundada em 1983, com objetivo de promover o desenvolvimento integral de crianças pobres e diminuir o alto índice de mortalidade infantil.

Os governos seguintes como o do Lula da Silva e Dilma Rousseff investiu em políticas de desenvolvimento econômico e em criação de políticas de desenvolvimento social, assim, combatendo a fome e a miséria dando mais oportunidades aos pobres. Com esse processo de inclusão, os pobres tiveram a oportunidade de fazer uma faculdade através de bolsas, pois durante muito tempo, a educação no Brasil era elitizada. Então, o ensino atendia somente a elite e descuidou do ensino da maioria, mostrando que a educação nunca foi democrática.

O Brasil, um dos maiores países com população de origem africana, sendo uma sociedade composta por mais de 55% de negros e pardos e mesmo assim, o homem negro são os que têm o menor acesso à educação. Então, as cotas fizeram que a representatividade dos alunos negros de escola pública aumentasse muito. Apesar dessas universidades e esses programas de inclusão terem gastado bastante, esses jovens dão retorno para a sociedade. Mas eles só vão dar um retorno para sociedade se tiverem oportunidades de emprego, coisa que atualmente não tem.

**2.4 Consequência da desigualdade social no Brasil**

O Brasil estava em um processo de inclusão e a pobreza havia caído 75% de 1990 até 2014. E, na crise de 2014 a pobreza subiu 40%. No ano de 2016 a taxa de desemprego no Brasil aumentos, atingindo mais uma vez os mais pobres. ‘’Além do aumento do desemprego, tem a inflação corroendo a renda média. O desemprego se tornou sério porque aumentou, mas também porque é de longa duração. A pessoa fica desempregada e demora a sair da situação’’ (Marcelo Neri, 2017 diretor da FGV Social e ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)).

‘’quem perde o emprego primeiro na recessão são os mais pobres e menos escolarizados, logo, o de menor produtividade. Um economista, na década de 1950, conseguiu comprovar que renda, escolaridade e produtividade têm uma correlação forte. Quem tem mais anos de estudo terá mais renda do que quem tem menos anos de estudo. Se o desemprego tivesse atingido os mais ricos, a desigualdade teria caído’’ (Manuel Thedim, 2017).

Então com o aumento do desemprego, consequentemente a desigualdade tende a piorar e o crescimento econômico também por vários canais, um de deles é o aumento da violência.

Quando nos deparamos com uma sociedade desigual, nos deparamos também, com uma educação precária, com altos índices de desemprego, assim, gerando a fome, a pobreza e a misérias, diversos conflitos civis e consequente alto índice de violência e criminalidade e uma grande desigualdade racial.

Violência e criminalidade estão ligados na maioria dos casos, pode ser explicado como consequência da desigualdade social.

Pessoas sem acesso a uma boa educação, até mesmo por parte dos pais, e que ‘’esquecidos’ pelo Estado, não tendo condições básicas de subsistência, acabam sendo influenciados pelo mundo do crime e do tráfico ou por influência do meio social onde vivem, e em suas próprias concepções de adquirir meios financeiros, ou mesmo de luta contra a desigualdade imposta.

Como resultado, observam-se, em países e regiões que sofrem com a desigualdade social, altos índices de homicídios e delitos praticados pelos indivíduos em geral, mais carentes de recursos e tendenciosos a atos desse tipo.

Vale ressaltar que esses fenômenos não ocorrem como regra da consequência de desigualdades sociais, tendo em vista que a maioria da população que é afetada pela desigualdade não recorre a meios violentos ou ilícitos para driblar essa realidade, sendo esses fenômenos explicados, nesses casos, por traços de personalidades individuais. Isso gera diversos conflitos e guerras civis.

Segundo as pesquisas do Jornal G1 em 2019 ‘’ A desigualdade de renda dos brasileiros atingiu o maior patamar já registrado no primeiro trimestre de 2019. Segundo pesquisa do estudo do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE), o índice que mede a desigualdade vem subindo consecutivamente desde 2015, e atingiu em março o maior patamar desde o começo da série histórica, em 2012.

O indicador estudado pela pesquisa é o índice de Gini, que monitora a desigualdade de renda em uma escala de 0 a 1 – sendo que, quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade. O do Brasil ficou em 0,6257 em março.

A pesquisa também demonstra que as pessoas que ganham menos sofreram mais os efeitos da crise que os que possuem renda maior. Além disso, os mais pobres estão demorando mais para se recuperar na comparação com os mais ricos.

Os números que revelam isso são os da variação da renda média acumulada pelos 10% mais ricos da população e os 40% mais pobres:

* Antes da crise, os mais ricos tiveram aumento de 5% da renda acumulada; os mais pobres, de 10%
* Após a crise, a os mais ricos tiveram aumento de 3,3% da renda acumulada; os mais pobres, queda de mais de 20%
* em 7 anos, a renda acumulada dos mais ricos aumentou 8,5%; a dos mais pobres caiu 14%

Em nota, o pesquisador da área de Economia Aplicada do FGV IBRE, Daniel Duque, explicou que os mais pobres sentem mais o impacto da crise pela própria dinâmica do mercado de trabalho em tempos de economia fraca. “Há menos empresas contratando e demandando trabalho, ao passo que há mais pessoas procurando. Essa dinâmica reforça a posição social relativa de cada um. Quem tem mais experiência e anos de escolaridade acaba se saindo melhor do que quem não tem”.

**2.5 Os Estados que mais sofrem com a desigualdade**

**3 Considerações Finais**

O Brasil traz na sua história diversos caminhos para pensarmos na desigualdade. Deixamos de ser colônia, para sermos uma monarquia cercada de republicas, toda essa herança de escravidão e exploração impôs entre nós toda essa diferença. Pelo fato do brasil ser uma colônia de exploração, com isso foi constituído um país de grandes propriedades e também de grandes concentrações de terras.

Pelos dados analisados ficou claro que o fenômeno da desigualdade social tem trajetória insistente no Brasil. O Estado brasileiro, em cada modo de produção (colonial, escravista, capitalista), tratou a desigualdade social, em grande medida, com indiferença. Somente a partir da modernização do Estado, nos anos 1930, foi que a questão começou a ter a atenção. Nos governos autoritários, entre 1964 e 1985, as desigualdades sociais foram tratadas como caso de polícia. Com a mobilização da sociedade e uma postura flexível dos governos nos anos 1990 foi que o Estado incorporou uma agenda pública sobre a fome, a pobreza e a miséria.

**4 Referências bibliográficas**

# Desigualdade de renda no Brasil atinge o maior patamar já registrado, diz FGV/IBRE, 2019 Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/21/desigualdade-de-renda-no-brasil-atinge-o-maior-patamar-ja-registrado-diz-fgvibre.ghtml>> acesso 25/09/2019

## Fenômenos Gerados pela Desigualdade, 2019 Disponível em <<http://desigualdade-social.info/fenomenos-gerados-pela-desigualdade.html>> acesso 25/09/2019

Sociologia para o ensino médio, 2010

Desigualdade social, 2015 Disponível em <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo4/desigualdade-social-uma-trajetoria-de-insistencia-no-brasil.pdf>> acesso 24/09/2018

Desigualdade social, 2015 Disponível em <http://desigualdade-social.info/> acesso 23/08/2019

Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira, 1994 Disponível em <<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02>> Acesso 23/08/2019